

## Muralismo

O termo refere-se à pintura mexicana da primeira metade do século XX, de feição realista e caráter monumental. A adesão dos pintores aos murais de grandes dimensões está diretamente ligada ao contexto social e político do país, marcado pela Revolução Mexicana de 1910-1920. Após 30 anos de ditadura militar, o movimento revolucionário - ancorado na aliança entre camponeses e setores urbanos, entre eles, intelectuais e artistas - projeta uma nação moderna e democrática, cujos alicerces repousam no legado das antigas civilizações pré-colombianas e na instituição de um Ministério da Cultura, dirigido pelo escritor José Vasconcelos. A política cultural do novo ministério tem como eixo o combate ao analfabetismo e a renovação cultural. O programa de pinturas de murais, narrando a história do país e exaltando o fervor revolucionário do povo, adquire lugar destacado no projeto educativo e cultural do período. Nos termos de Diego Rivera (1886-1957), um dos principais expoentes do muralismo mexicano, a arte "é uma arma", um instrumento revolucionário de luta contra a opressão. Os muralistas retomam produção gráfica de José Guadalupe Posada (1852-1913), engajada na crítica à ditadura militar de Porfírio Díaz (1876-1911).

O movimento da pintura mural no México se apoia em alguns pontos centrais. Antes de mais nada, a arte deve ter alcance social, isto é, deve ser acessível ao povo. Daí o descarte da pintura de cavalete e a opção pelos murais, de caráter decorativo e/ou comemorativo, que ocupam os lugares públicos, rompendo os círculos restritos de galerias, museus e coleções particulares. Do ponto de vista da elaboração de um repertório original, os artistas mobilizam fontes díspares: as antigas culturas maia e asteca, a arte popular e o folclore mexicano do período colonial, aliados às contribuições das modernas correntes artísticas europeias, sobretudo o expressionismo alemão e as vanguardas russas. Os artistas visam romper com a arte acadêmica, tal como é praticada no século XIX, e criar uma arte original, ao mesmo tempo moderna - tributária das conquistas das vanguardas do começo do século XX - e autenticamente mexicana. Essas preocupações comuns são trabalhadas de modos diversos pelos pintores do grupo. Rivera, o mais célebre deles, reedita a pintura em afresco nos murais que realiza. Seus painéis - de forte cunho didático, comprometidos com uma crítica vigorosa ao capitalismo e com a projeção de ideais revolucionários e socialistas - estão repletos de figuras e acontecimentos, em que se combinam temas modernos e motivos tradicionais. Os 27 painéis pintados como afrescos do Instituto de Artes de Detroit, entre 1932 e 1933 (*A Fábrica de Detroit*), sintetizam suas preocupações centrais. Aí, elementos nacionais e das antigas culturas mexicanas convivem com o mundo da indústria e do trabalho fabril. As grandes figuras nuas recostadas no topo - tipos físicos nacionais representados como divindades antigas - pairam sobre o universo da indústria, das máquinas e engrenagens, representados na parte inferior. Nos murais realizados para diversos edifícios públicos na Cidade do México, observa-se o compromisso em construir narrativas históricas e alegóricas sobre o país por exemplo, *A Execução do Imperador Maximiliano*, do *Ciclo da História do México* (1930-1932), no Palácio Nacional.

Enquanto o aprendizado artístico de Rivera passa por uma estada na Europa - o cubismo de Juan Gris (1887-1927) e Pablo Picasso (1881-1973), os contatos com Fernand Léger (1881-1955), com o fauvismo e com Amedeo Modigliani (1884-1920) -, o de José Clemente Orozco (1883-1949) relaciona-se à permanência nos Estados Unidos, entre 1917 e 1919. Imediatamente após a Revolução de 1910, Orozco realiza os desenhos intitulados *O México em Revolução*, com vistas a fornecer às massas elementos para a compreensão da guerra. O estilo direto e caricatural das primeiras obras como por exemplo - *Maternidade* e *Os Ricos Banqueteiam-se Enquanto os Trabalhadores Lutam*, realizados para a Escola Preparatória Nacional entre 1923 e 1924 - dá lugar a uma dicção mais monumental e de tom simbolista nos afrescos de 1926 para

a Casa dos Azulejos e para a Escola Industrial de Orizaba. David Alfaro Siqueiros (1896-1974) encontra no surrealismo uma de suas principais inspirações. Nos seus murais a *Morte ao Invasor* (1941-1942), observa-se o uso de cores vibrantes e a combinação de realismo e fantasia. Rufino Tamayo (1899-1991), embora tenha realizado murais, afasta-se das orientações político-ideológicas mais diretas, preferindo naturezas-mortas, retratos e animais. Frida Kahlo (1907-1954) não pode ser classificada como muralista, mas aproxima-se do grupo em 1928, sobretudo em função de seu casamento com Rivera. O muralismo mexicano repercutiu nos Estados Unidos - na Arte do New Deal, dos anos de 1930 e em toda a América Latina.

No Brasil, influências do muralismo mexicano podem ser sentidas na obra de Di Cavalcanti (1897-1976), Candido Portinari (1903-1962). Portinari associa a pesquisa de temas nacionais, com forte acento social e político em trabalhos como *Mestiço*, de 1934, *Mulher com Criança* (1938) e *O Lavrador de Café*, em 1939. Nas décadas de 1940 e 1950, o artista realiza diversos projetos para painéis: *Catequese dos Índios* (1941), para a Library of Congress [Biblioteca do Congresso] em Washington D.C., *Jangada do Nordeste* (1953) e *Seringueiro* (1954), encomendados pelos *Diários Associados*.

FONTE: [enciclopedia.itaucultural.org.br](http://enciclopedia.itaucultural.org.br)



Descoberta do Ouro 1941 Pintura mural a t mpera 494 x 463cm (irregular) Washington, D.C. Assinada e datada no canto inferior direito "PORTINARI 1941" Library of Congress, Washington, D.C.,USA . OBSERVA ES: Obra executada para decorar a Funda o Hisp nica da Biblioteca do Congresso, Washington, D.C. . TEMAS: Social:Cenas de trabalho:Garimpagem Social:Trabalhadores:Garimpeiro Figura Humana:Crian a:Menino Figura Humana:Grupo:Homens